

Jovens Einsteins

Grupo de estudantes se prepara para representar o Brasil, pela primeira vez, numa olimpíada internacional de Física

Humberto Rezende
Da equipe do **Correio**

O menino se fecha no quarto e começa a ler *Uma Breve História do Tempo*, do físico inglês Stephen Hawking. Muitos leitores já tiveram o livro na mão. Mas as teorias do físico sobre a formação do universo soam para a maioria das pessoas incompreensíveis. E quase todos abandonam a leitura. Mas o adolescente acha o livro empolgante. Passa a devorá-lo com os olhos e antes mesmo de chegar à última página já tomou a decisão: vai ser físico. Danilo Jimenez Rezende, 17 anos, tomou essa decisão há cerca de três anos. Agora ele é o estudante com mais chances de integrar o primeiro grupo de brasileiros que participará da Olimpíada Internacional de Física, que acontece em julho, na Inglaterra. Mais um passo rumo à sua carreira de cientista.

As Olimpíadas Internacionais de Física acontecem desde 1967, quando começaram na Polônia. Mas o Brasil nunca mandou uma delegação de alunos. Agora, um grupo de 14 estudantes, selecionados em campeonatos estaduais de 1998, disputam as cinco vagas a que o Brasil tem direito.

A turma já foi maior. Inicialmente eram 48. Esses estudantes passaram por um treinamento de uma semana, chamado Escola de Inverno, no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), ano passado, em São José dos Campos (SP). Lá, assistiram a palestras, aulas teóricas e práticas e fizeram provas. Ao final, restaram aqueles que tiveram uma média final maior que 7 nos testes. Danilo teve a média mais alta, 8,2. Agora, os 14 estudantes aguardam os resultados de uma segunda prova, que decidirá os cinco representantes brasileiros.

A participação nas olimpíadas faz parte de uma nova visão da Sociedade Brasileira de Física (SBF) para divulgar e estimular o interesse pela matéria. No ano passado, aconteceu a primeira Olimpíada Brasileira de Física, com provas em 13 estados. Os 48 melhores colocados do 1º ano do ensino médio passarão em julho por um treinamento semelhante e poderão participar das olimpíadas internacionais de 2001. "É uma forma de fazermos o marketing da ciência. É fazer a propaganda do conhecimento, estimulando mais jovens a se interessar pela carreira", diz o secretário executivo da olimpíada

brasileira, Ozimar da Silva Pereira. Este ano, a segunda olimpíada brasileira será lançada no mês que vem.

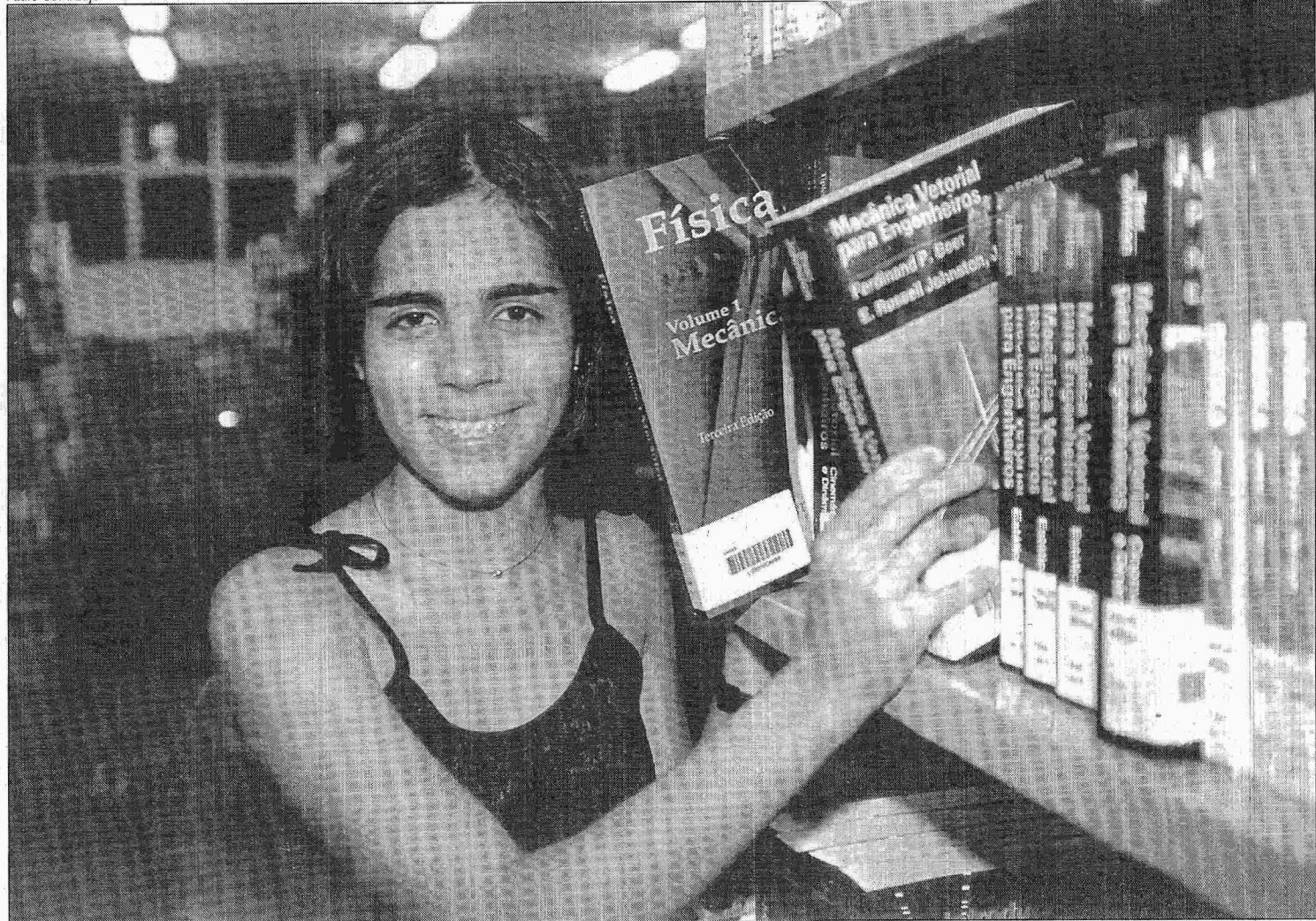
Se é esse o motivo para a SBF organizar essas competições, é o gosto pelo desafio que leva alunos do país todo a par-

ticiparem. "A competição com os outros alunos fica em segundo plano. Eu participo das olimpíadas para me testar. Estou sempre me testando", diz Danilo, que já estudou todo o conteúdo de física do ensino médio por conta própria e aproveita as aulas da matéria para adiantar as lições de outras disciplinas.

É um motivo semelhante que faz Aline Sousa da Silveira, 15 anos, aluna do 2º ano do colégio Objetivo e única de Brasília a ficar entre os vencedores da olimpíada brasileira do ano passado, participar desse tipo de competição. "Ajuda você a avaliar os seus conhecimentos".

Aline gosta tanto de avaliações que decidiu este ano fazer vestibular para Medicina, na Universidade de Brasília, mesmo cursando ainda o 2º ano do ensino médio. Passou. Na olimpíada brasileira ficou em 5º lugar na sua série. Não participará da Escola de Inverno porque o trei-

Paulo de Araújo



Aline, que não vai à competição internacional porque já está no 3º ano: única aluna de Brasília entre os vencedores da olimpíada nacional

Diário de Mogi



O estudante Danilo Rezende: "A olimpíada abre muitas portas"

namento é dado apenas para estudantes do 1º ano.

A olimpíada brasileira é parecida com a competição internacional, que reúne todos os anos

cerca de 300 adolescentes das mais variadas partes do mundo. Cada ano acontece em um país. São duas provas, cada uma com duração de cinco horas. A pri-

meira, teórica, exige muito raciocínio e conhecimentos que às vezes só alunos universitários aprenderam, apesar de ser direcionada para estudantes do ensino médio.

A segunda parte é um problema prático, em que o aluno recebe alguns instrumentos, como réguas, compassos, cronômetro, e têm que resolver uma questão bolando um experimento. As questões são traduzidas para a língua natal de cada um dos participantes pelos professores que os acompanham e depois ficam proibidos de falar com os alunos. "São problemas que muitos alunos do terceiro ano de física nas universidades não conseguiriam resolver", diz Ozimar Pereira, que ano passado foi à olimpíada como observador.

Os resultados da segunda prova que os 14 alunos finalistas brasileiros fizeram sai na próxima semana. Além dos cinco concorrentes para a olimpíada internacional, poderão ser indicados outros cinco para a olimpíada ibero-americana, que acontece na Espanha, em setembro.

Mas aí um outro problema se inicia: os recursos para que todos consigam viajar. Os custos para a equipe de cinco alunos e três professores responsáveis são de US\$ 4.200, mais as passagens. Por isso a SBF está pedindo ajuda a empresários que queiram patrocinar a ida dos estudantes.

A ansiedade no grupo é grande. "Participar de uma olimpíada assim abre muitas portas", diz Danilo. Mas para ele, o melhor vai ser poder entrar em contato com novos conhecimentos, cientistas e, principalmente, outros jovens que gostam tanto de física quanto ele. "Encontrar amigos no colégio é difícil. Se você começa a falar sobre física com entusiasmo as pessoas acham estranho, começam a sair de perto", conta. Outras mentes brilhantes já passaram por isso antes.

SERVIÇO

Interessados em apoiar a ida dos estudantes à Inglaterra entrar em contato com a Sociedade Brasileira de Física
Tel.: (11) 818-6922